



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 2 de Outubro de 1982 * Ano XXXIX — N.º 1006 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



A cidade fica a trezentos quilómetros por picada ruim... E nem sempre o jeep chega a tempo.

NOTAS de ÁFRICA

● Padre Luís levanta-se cedo, celebra a Missa em songo e reza longo tempo. Não tem café esperando. Deita uma colher de leite num copo, mistura com água e toma mesmo assim. Já estão esperando na varanda da Missão: uns, doentes; outros, com fome na barriga, nos olhos e na alma. Ele faz o leite num grande balde, a mexer com um pau; e cada um na sua lata recebe a sua porção. Só latas (das que tiveram fruta, azeltonas, azeite ou leite), não têm outro processo.

Ao meio-dia não há lume nem panela no fogão. Um leite com bolachas — se o leite chegou. As vezes não chega. A cidade fica a trezentos quilómetros por picada ruim... E nem sempre o jeep chega a tempo.

Só à noite fica silêncio na Missão pisada. Silêncio que nos lê, ao vivo, as quantidades de fruta que se estragam, a roupa que se deita fora, tanta coisa que apodrece — nos países que se dizem civilizados!

Mas o silêncio é tão profundo que envolve tudo — pessoas e coisas.

Partilhando

● O Serafim — vendedor de O GAIATO na zona de Cedofeita (Porto) — chegou a Casa a chorar, torcido com as dores dos sapatos e pontapés que recebera de uns rapazes, marginais, que lhe quiseram tirar o dinheiro do seu trabalho na distribuição do «Famoso». Valeu-lhe, apenas, a companhia do «Fuzeta» que o livrou de mais algumas. A este terá sido proveitosa a ocorrência, por mor das suas fraquezas... Fizeram queixa à Polícia — mas sem consequências! Vieram para Casa desanimados e não roubados: com o dinheiro ganho e alguns jornais por distribuir! Ofendidos, queixosos e não reparados!

E os tais rapazes que, jogando a bola, à porta da igreja de Cedofeita, fazem estas e outras? Por lá continuam, de certo, irreparáveis! Sem pais que os eduquem; sem autoridade que os chame à responsabilidade; sem ninguém que os queira perto de si. «Eles gostam de chamar fascistas a quem os repreende» — segundo nos disseram. São espertos. Vivem na rua, à-vontade...

O Serafim e o «Fuzeta» voltaram, de novo, para o seu pos-

to de trabalho. Que bela missão espalhar o Bem que O GAIATO tem em suas pequenas páginas! Compreendendo, até, e melhor do que ninguém, esse mundo que é o das ruas, da libertinagem — donde eles vieram também, não há muito tempo. E quem sabe se não fariam até aos Outros — não fariam o mesmo que aqueles?!

Por essas e outras dores — a incompreensão ou a indiferença de alguns — bem piores do que aquelas, O GAIATO cresce, de dia para dia, desde o seu nascimento. Contradições lá do Alto!

● Nessa mesma tarde, e com o sol já a empurrar-nos pela noite dentro, encontro um rapaz à porta do nosso Lar do Gaiato, no Porto, com um ar triste pela sua vida sem ninguém. A cidade convidara-o a deixar a sua terra pobrezinha, prometendo-lhe tudo... De trabalho em trabalhos, perdeu a mesa onde comia e a cama onde dormia. Bateu à porta de quem o conhecia e tudo se foi

Cont. na 4.ª página

● Quando cheguei a casa do grupo de rapazes nossos que ficaram, depois da nacionalização da nossa Aldeia, de Malanje, a trabalhar em comum numa fazenda agrícola, vi na varanda um rapaz esquelético e doente. Quis saber. «É o nosso Simão que se encontrou muito doente e nós o recolhemos.»

Bons samaritanos!

Não é tanto de pão que estas terras precisam — mas, muito mais: de amor, espírito de trabalho, sentido de responsabilidade e honestidade.

● Fiquei tão impressionado ao visitar um cemitério de padres e irmãos numa Missão abandonada — lá nas lonjuras! O capim inva-

diu tudo e está comendo as pedras. As placas enegrecidas pelas queimadas ainda testemunham: «Aqui jaz... 28 anos, português duma aldeia das Beiras.» «Aqui jaz... 31 anos, duma aldeia francesa.» E mais.

Missões abandonadas!

Só o «aquí jaz» das tumbas!

Nesta imensidão!

Neste silêncio tão profundo e acusador!

Deixaram tudo e deram a própria vida!

Vozes que clamam e ainda encontram eco em tantos que vêm!

Aqueles que procuram a própria vida — não ouvem esta voz!

Padre Telmo

Reedição do «PÃO DOS POBRES»

Voltamos a esclarecer que não enviámos a reedição do Pão dos Pobres (2.º e 3.º volumes) directamente aos assinantes da nossa Editorial (agora são mais de 5.000), porque muitos já possuem edições anteriores. Por isso, só atendemos os leitores que nos solicitam, expressamente, os livros por qualquer via, inclusivé pelos postais RSF (resposta sem franquia) introduzidos no penúltimo número de O GAIATO — para o continente e ilhas.

É que tem havido muita gente que, em casa, à hora do correio (os dias passam...), esperam ansiosamente o Pão dos Pobres! Então, vá de escrever ou telefonar: «Não quero ficar sem a reedição do Pão dos Pobres! Mandem-me já os livros... se faz favor.» Uma voz do Algarve, do outro lado da linha!

O lançamento do Pão dos Pobres, a remessa de outras obras — do Isto é a Casa do Gaiato ao Calvário — continuará a ser notícia de caixa alta, pois estamos recebendo cente-

nas de pedidos e despachando centenas de livros! No sector de Encadernação, Sabino, «Gágá» & C.ª não têm mãos a medir com a guilhotina, o pincel, a cola, a dobradeira; um mundo de gente a meter livros em capa!

Alguns leitores-avulso de O GAIATO, que nem sempre topam no giro o pequenino distribuidor do «Famoso» — o que é naturalíssimo... — continuam a aproveitar a vantagem do postal RSF e inscrevem-se, também, como assinantes do jornal. Outros, no dito postal, requisitam duma penada todas as obras de Pai Américo — e não só.

Esta acção movimenta, ainda, no sector de expedição, uma boa meia dúzia de braços,

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Ericeira

FÉRIAS — Momento de paz, paz com os outros e conosco mesmo. Paz essa que se torna cada vez mais urgente arrancar do dicionário e passar para a nossa vida quotidiana, quer estejamos em férias ou a trabalhar.

O homem do séc. XX é um ser apressado, já que não consegue fazer uma paragem na sua vida, a fim de se encontrar consigo mesmo e ajudar outros a encontrarem-se a eles mesmos; e ter um contacto mais de perto com a Natureza, pois é aí que encontramos o ar puro e o silêncio propícios ao encontro de nós mesmos.

«É que o homem, de tanto lidar com máquinas, já se tornou meio máquina também...» Torna-se muito mais urgente afastar-se dos problemas, dos trabalhos, das superficialidades, da rotina, dos «engarrafamentos» quotidianos e das preocupações envolventes. Mudando um pouco de lugar, de ambiente, a fim de arejar a alma, trocar o óleo da máquina para que no início de mais um ano de trabalho possamos ver o mundo com outros olhos, com outra alma.

Férias! É um direito exclusivo, inalienável, do homem que cumpriu o seu dever durante um ano inteiro. É a recompensa justa para quem fez o que devia. É o prémio merecido

para quem lutou todo o ano e merece descanso.

Devido à sua localização, a nossa colónia de férias permite isolar-nos um pouco da rotina em que vivemos e encontrar o silêncio com Deus e conosco mesmos; encontro esse que leva ao diálogo mais profundo, onde as palavras são substituídas pelo próprio silêncio.

Tudo nos proporcionou a passar umas férias repousantes, umas belas férias! As ondas do mar que chegam à costa, umas atrás das outras, convidando-nos a dar mais um mergulho e refrescar os nossos corpos quentes e queimados pelo calor e pela luz do sol.

Todos os dias o sol despedia-se de nós com uma imagem multicolor, reflectida no horizonte, para logo de seguida a luz das estrelas e da lua nos convidarem a passar os últimos momentos de cada dia.

Depois disto tudo, um pequeno paleio, a fim de todos adormecerem com um sorriso nos lábios, das anedotas com graça.

Oito horas da manhã, outro dia se levanta e nos convida a vivê-lo o mais alegremente possível: passeando pelos pinhais de saca da merenda na mão, lá vamos, respirando ar puro, cantando e jogando alegremente para que todos sintam a alegria de estar a passar quinze dias fora da rotina e poderemos reabastecer-nos de energias, física e psiquicamente.

Mas, como reza o ditado, «tudo o que é bom acaba». Também para nós, os do 3.º grupo, as férias tinham que acabar e dar o lugar ao resto dos rapazes a passar as suas férias. E regressámos a Casa, ao nosso local de trabalho, porque a vida recomeça a sorrir de rosto lavado, olhos mais limpos, alma mais arejada — com os nervos em forma, novamente.

Domingos

MIRANDA DO CORVO

A NOSSA CASA — Se algum dia destes vierdes à nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, encontrá-la-eis cheia de vida e de movimento, com as aulas que se estão a aproximar.

No grupo dos pequenitos encontramos caritas sorridentes e bocas entreabertas, mostrando uns dentinhos bem lavados, pois todos os lavam à noite antes de se deitarem.

AGRICULTURA — A nossa agricultura pouco mudou, a não ser o milho que além de ter sido desfolhado, já foram apanhadas algumas espigas descamisadas. Esperamos que as verdes sequiem depressa. Já se andam a apanhar algumas maçãs maduras. As couves tronchas foram plantadas e esperamos que o calor de Setembro não as queime.

FUGAS — Nesta época a Natureza exerce uma certa atracção para a liberdade e alguns dos nossos mais fracos não resistem a essa atracção de enganadora liberdade. Eles só são realmente livres quando conseguem distinguir o que é bom ou mau para a vida deles. Agora, eles apenas fogem pelo espírito de aven-

tura, do qual se arrependem tarde demais, com graves consequências para as suas vidas profissionais.

Esta semana foram seis. Um foi com a mãe e iria fazer este ano o 2.º ano do Ciclo Preparatório; outros quatro foram no mesmo dia, dois dos quais talvez em resultado das más companhias dos outros dois; e o outro deixou cá dois irmãos pequenos. Sempre nos causou tristeza a ida de alguns dos nossos, mas esperamos sempre que voltem, arrependidos do mal que fizeram, ou que sejam felizes na vida que escolheram.

«TRIBUNAL» — Em nossa Casa chamamos «tribunal» à reunião de família em que se expõem e discutem as faltas e problemas de cada um. Os «juizes» somos nós todos e as «sentenças» servem de exemplo a possíveis seguidores do mesmo caminho.

Desta vez foi um dos nossos que andava com negócios de dinheiro. Todos ouvimos a sentença e esperamos que mais ninguém faça o mesmo, a fim de que a confiança que muitas pessoas depositam em nós continue forte como dantes.

Nós estamos gratos por essa confiança em nós depositada.

Chiquito-Zé

Paço de Sousa

FESTIVAL DAS VINDIMAS/82 — Chegou ao fim o IV Festival das Vindimas/82. Decorreu da melhor maneira e melhor do que esperávamos.

No dia 12 tivemos a entrega dos prémios aos atletas melhor classificados durante estes quatro dias de festa. Na cerimónia estiveram presentes o Rancho Folclórico de Paço de Sousa e o Conjunto da Casa do Gaiato, que deram uma grande alegria a todos os presentes no encerramento desta nossa grande festa que é o Desporto.

Eis as restantes classificações das provas que preencheram o nosso Festival:

Atletismo (Estafeta 4x400 metros) — 1.º Desportivo da Casa do Gaiato, 2.º Independentes de Recarei, 3.º Mozinho. 15.000 metros — 1.º e 2.º Independentes de Recarei, 3.º Desportivo da Casa do Gaiato. Natação: 75 metros livres — 1.º Desportivo da Casa do Gaiato, 2.º Independentes de Recarei, 3.º Individual; 50 metros livres — 1.º Centro Cultural de Cête, 2.º Grupo Juvenil de Cête; 100 metros livres — 1.º Grupo Juvenil de Cête, 2.º Desportivo da Casa do Gaiato, 3.º Individual. Damas — 1.º Grupo Juvenil de Cête, 2.º Individual, 3.º Centro Cultural de Cête. Malhas — 1.º Mozinho, 2.º Grupo Juvenil de Cête, 3.º Mozinho. Ténis de Mesa — 1.º Centro Cultural de Cête, 2.º e 3.º Desportivo da Casa do Gaiato.

Classificação por Equipas — 1.º Desportivo da Casa do Gaiato (80 pontos), 2.º Mozinho (47 pontos), 3.º Independentes de Recarei (40 pontos), 4.º Grupo Juvenil de Cête (38

pontos), 5.º Centro Cultural de Cête (22 pontos).

AGRO-PECUÁRIA — Chegaram, há pouco mais de um mês, à nossa Aldeia, cinco vacas vindas da Holanda.

Depois de terem feito uma viagem que não se esperava, foram transportadas de camião, o que levou os animais a sofrer certo cansaço, com tantos dias de viagem. Chegaram bem. Esperamos que se encontrem bem, depois de todas as modificações e arranjos na vacaria, agora com as condições necessárias para os animais.

ÁGUA — Há já vários dias que nos debatemos com um grande problema: a falta de água. É, sem dúvida, um grande obstáculo, tanto no consumo pessoal como na nossa lavoura. Já foram feitas várias pesquisas e achamos que, tanto na quinta como no monte de Calves, temos zonas com fortes lençóis de água, que terão de ser explorados para solução deste problema que, de momento, muito nos preocupa.

FRUTA — Este é outro problema, todos os anos, em nossas Casas... Mas, graças à boa compreensão de todos, este ano as coisas correram melhor do que nos anos transatos.

Já estamos a comer fruta do nosso pomar. É uma grande satisfação podermos saborear os frutos trabalhados pelas nossas mãos!

A todo o momento aguardamos a data da vindima que, em nossa Aldeia, é uma verdadeira alegria, desde o corte dos bonitos cachos até serem pisados no lagar. São momentos de boa alegria e satisfação, neste belo trabalho.

Deus permita que tudo decorra conforme os planos previstos.

PARQUE INFANTIL — A parte recreativa, em nossa Aldeia, para os mais pequenos, está em progresso. Não tarda a ficar pronto o parque infantil para os «Batatinhas» se sentirem mais alegres e poderem, nas horas de recreio, estar juntos e distraídos.

Quando, em nossa Casa, algo de novo acontece, todos querem ser os primeiros a estrear a novidade. De tal forma que o parque (em acabamento) já não parece ser infantil, mas de adultos! Não está certo...

Entre os «Batatinhas», a todo o momento será aguardado o toque para despegarem do trabalho, em disputa dos primeiros lugares para ocupação dos entretenimentos que dêem maior prazer e distração!

Esperamos que os ânimos serenem e esse local seja, na verdade, um parque infantil.

Carlos Alberto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Naquela manhã foi uma volta cheia!

O Pobre do meio rural, apesar de tudo, é mais rico do que o do meio urbano que jaz na ilha, nos bairros de lata. A mãe Natureza, em seu ritmo de vida, supre algumas

carências. São os pinheiros e eucaliptos; os campos de milho e as hortas; as ramadas e os pomares; a água e o ar puros; o rio e os ribeiros; as vacas e os cordeiros; os jardins e as flores silvestres. A Natureza! E o peculiar estilo de vida das pequenas comunidades, onde é mais fácil partilhar alegria e tristeza, o muito e o pouco.

Motivados por um SOS, batemos à porta de um casal:

— F. sofreu uma trombose. Vejam o que poderão fazer por ele...

Subimos a escada de granito.

— Agarrem-se bem à corrimão, feito prò meu home...

A moradia é uma pequeníssima sala, dividida em duas por uma placa de madeira. Está situada num pequeno aglomerado.

— Quando as minhas filhas cá estavam, dormiam ali — tá a ver?! — naquele nicho; e nós, aqui. Nunca pensámos ter mobília — q'isto é um nicho...! — esclarece a mulher.

Ao lado da escada, a cozinha; tão pequena que parece de bonecas!

— Fomos nós q'alevntámos a cozinha; fomos nós. Tínhamos de fazer o caurdo...

Lareira, fuligem, trasfogueiro, panela de ferro, tacho, malgas, canecas, cebolas, legumes, broa, masseira — que serve de mesa — e um jarrao de flores!

— A gente bem q'ria ter mais arranjos, mas isto é um nicho — não dá p'ra nada!

A vassoura, na mão da dona da casa, é símbolo de limpeza que nos cativa!

O homem, sentado no último degrau da escada, recostado na soleira da porta da sala, mal soletra palavras. É a mulher que continua desfiando a sua vida, a sua cruz:

— Noitros tempos, andámos os dois a pedir, por onde calha. Foi nessa vida que nos conhecemos. Conversámos. Casámos. Depois, deixámos a volta. Graças a Senhor havia trabalho: Ele foi p'ra servente d'obras, eu prà laboira.

— Têm reforma?... — Não dá p'ra nada! Só na botica gasto centos com ele, todolos meses! E não temos corage d'ir prà rua, pedir...

Aqui, o doente agarra-se às pernas da mulher e chora. Paramos um nadita, qual silêncio d'acalmia.

— Tá a ver?! Agora, temos vergonha...

O Pobre olha-nos de frente. Abana a cabeça. E confirma a verdade.

— Mais vale a gente viver com pouquinho do q'ir prà rua, pedir — sublimha a mulher.

Façamos, todos, um combate à desumana mendicidade!

— S'ò menos conseguirem um carinho p'ra ele ir intò o caminho... Durava mais anos. Está pràqui triste, com'a gente não deseja os bichos do monte!

PARTILHA — Maria Ana e Pedro com «uma ajudinha» para os Pobres. Assinante 31104, 1.540\$00 para o «Soldado da Paz». Assinante 19177, duas presenças. Assinante 8492 deixa várias importâncias no



Laura e Jorge, no dia do casamento, em Santo António do Tojal.



Auto-construção

É um homem novo. «Tenho só trinta anos...» Ponderado, calmo, pouco expansivo. Sabe o que quer, não deixa de se mexer, prossegue o caminho encetado conscientemente.

— A sua mulher é mais nova?

— Anda pelos vinte e poucos.

Lentamente, foi desembrulhando um rolo de papéis da Banca, transparecendo um sorriso ingénuo.

— Tá a ver...? Comprámos um lote de terreno, aprovado pela Câmara, e vamos construir a nossa casa. Um sonho de nós dois, antes do casamento.

— E já têm projecto da moradia?

— Tudo em ordem. Será cave e primeiro andar. Vamos ter que esfolar, lá isso vamos! Agora, preciso que m'ajude a preencher estes papéis, a ver se conseguimos algum dinheiro do Banco.

Aqui, foi um desfiar... Mas ele é um homem corajoso:

— Enquanto não derem o dinheiro, se o derem..., a gente faz o que puder. Não ficaremos quietos, pois a minha família também delta a mão e a casa vai prò ar. Devíamos ter pedido a massa há mais tempo. Mas pode ser que eles atendam; pode ser.

Durante o preenchimento da papelada voltámos a surpreender-nos com a loucura desta gente, até mesmo face aos rendimentos per capita: ele é operário numa fábrica da cidade do Porto e não recebe mais de 14 contos, líquidos.

— Estou a contar, ainda, com a ajuda da minha mulher. É costureira e mais nova do que eu.

— No entanto, é um grande investimento...

— Seja o que Deus quiser. Dure a obra o tempo que durar. A gente parte já do prin-

cípio de que só poderemos contar connosco, com a nossa família. É um sonho de nós dois... Já temos um filho e podem vir mais.

Um quadro do quotidiano! Não somos um Povo inerte e poderíamos ombrear com nações evoluídas — mesmo neste sector — que terão menores potencialidades humanas, espirituais.

A Auto-construção espontânea — integral ou parcial — será, por muitos anos, refúgio dos mais corajosos. Di-lo a experiência noutros países europeus, como a França. Recentemente, analisámos um trabalho que traça uma breve panorâmica das dezenas de milhares de gauleses que construíram — e constroem — as suas próprias moradias, sobrepondo-se aos estreitos limites que lhes são postos. E vencem!

«Ter uma casa — diz a articulista — é um sonho de uma larga maioria dos franceses. Mas quantos se decidem a construí-la? Fenómeno marginal, a Auto-construção escapa às malhas da estatística. Uma sondagem realizada pelo INSEE em 1978, no quadro de um inquérito sobre a habitação em França, estima um número de 37.800 Auto-construtores. Mas só a Confederação dos Castores (com sede em Versailles)

conta com cerca de 50.000 aderentes. E, segundo um estudo de mercado realizado por um fabricante de materiais, os «Castores» representam apenas metade dos Auto-construtores.»

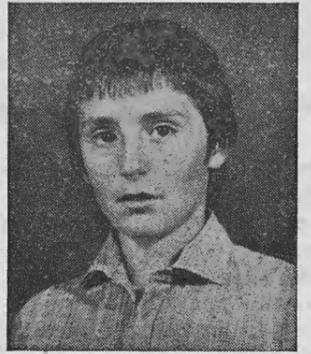
Na opinião de Paul Cuturillo — investigador de sociologia no C. N. R. S. — «hoje como ontem, a motivação económica é a explicação essencial do fenómeno» Auto-construção. «No pós-guerra o movimento Castor era uma tentativa para sair do marasmo. Em 1982, é uma forma de diminuir a pressão do endividamento para os candidatos a casa própria.»

Os «Castores» — presenteemente sem o conteúdo social dos anos 50 — no pós-guerra «reagrupavam trabalhadores e empregados numa mística de entreatada e solidariedade». Construíam em comum, «em terrenos cedidos pelas municipalidades». Hoje, já não se encontram terrenos, a preços módicos, para construir; e a mentalidade mudou — afirma o actual presidente do movimento. É natural... Porém, «a entreatada, a troca de horas de trabalho existe ainda na província», excepto na região parisiense. No entanto, a Confederação dos Castores funciona, agora, como «central de compra de materiais. Concede um reembolso aos aderentes e propõe assistência técnica e administrativa». Quanto vale tudo isto!

Em Portugal — no estúdio de desenvolvimento em que nos encontramos — contam-se pelos dedos os municípios que cedem terrenos ou se preocupam eficazmente com a problemática da Auto-construção, referida na Carta Magna do País; tampouco sabemos de qualquer entidade formalmente organizada, com projecção na-

Retalhos de vida

José Carlos



O meu nome é José Carlos Ferreira Dias da Costa. Nasci no dia 23 de Janeiro de 1967 na freguesia de Massarelos, da cidade do Porto.

Durante a minha infância vivi normalmente com os meus pais, em Rio Tinto, perto do Porto, onde estudei e vivi onze anos. Depois, a minha mãe adoeceu. E, a seguir, a minha avó. A minha mãe morreu cancerosa. A minha avó está no Calvário, em Beire (Paredes), a última Obra que o Pai Américo fundou para os doentes pobres e abandonados.

Por tudo isto, fiquei a viver só com o meu pai, já reformado por motivos de saúde. Mas como o resto da minha família não se interessou muito por mim, naquela altura, tinha que ir para onde tivesse o auxílio de alguém. Fui, então, acolhido na residência de uns senhores. Mas, como fiz por lá uma asneira..., eles trouxeram-me para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, onde estou há cerca de um ano. E, aqui, penso vir a ser um Homem para a vida, para o futuro.

Agora, frequento o 2.º ano da Telescola. E, fora das horas de estudo, trabalho na Tipografia. Gosto das Artes Gráficas. É um trabalho onde poderei ser um bom profissional. Nós temos, em Paço de Sousa, uma boa oficina para aprendermos. Assim, escusamos de aprender lá fora. E, como tem muitos anos de serviço, já saíram daqui muitos e muitos rapazes que, hoje, estão muito bem na vida.

José Carlos

Fraternidade

Mais de 3.000 jovens voluntários dos mais diversos países — integrados no «Movimento dos Companheiros Construtores» — trabalharam gratuitamente, nos últimos anos, em cerca de 200 obras de carácter social, de norte a sul do País.

O Movimento — que não conta com apoios oficiais — já contribuiu, em Portugal, para a concretização de 166 projectos locais em 630 campos de trabalho. O ano passado organizou 41, em 22 localidades, com a participação de jovens holandeses, alemães, belgas, franceses, espanhóis; e, durante o ano em curso, estão 24 obras em acção, noutras tantas povoações.

A maior parte dos grupos é constituída por estudantes que exercem várias profissões (estudadores, carpinteiros, pedreiros, etc.) na concretização de projectos indispensáveis ao bem-comum, tendo como última recompensa o tradicional bom acolhimento — e gratidão — do povo humilde, dos Pobres, que, apesar de não entenderem a língua deles, sintonizam em uma outra com raízes no Evangelho — a Fraternidade Universal.

Júlio Mendes

Espelho da Moda. Júlia, de algures, 300\$00. Assinante, 26398, 1.000\$00 «para o que achardes mais necessário» — em sufrágio da alma de familiares. E. G., 500\$00 — por mão amiga. Assinante 13519, o dobro. Av. Marquês de Tomar, Lisboa, 2.000\$00 de um casal muito nosso amigo. Ainda da capital, duas remessas de «velha amiga». Presenças de «uma portuense qualquer» lembrando o aniversário «da partida para o Céu de Pai Américo». Que bem! É uma data marcada em nosso espírito para todo o sempre! Que ele, no Céu, interceda por nós — por todos nós!

Assinante 16415, de Barcelos, 1.000\$ «para as necessidades que mencionam e gostaria de minorar, se mais me fosse possível». Helena, de Oeiras, «pequenina migalhinha» (200\$) acompanhada do Salmo 112. Que riqueza! Por fim, de algures e sob anonimato, «um aumento da minha pequena pensão — para agasalhar os Pobres». Deus lhe pague!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

cional, que adopte a presente acção dos «Castores».

Actualmente, «80% dos «Castores» recorrem a trabalhadores para construir o grosso da obra, e 40% contentam-se em fazer os acabamentos e os arranjos interiores. Apenas um em cinco constrói inteiramente a sua moradia, sem a ajuda de profissionais assalariados» — com uma economia de 30 a 50% sobre o custo global do prédio; indicadores confirmados, oficialmente, pelo Ministério do Urbanismo e Habita-

ção francês, num estudo realizado para o plano Construção. Números curiosos, que grosso modo se aproximam dos de muitas acções de Auto-construção, nesta região, essencialmente rural, do nosso País. E que, além do seu extraordinário valor social, do ponto de vista económico são um poderoso combate à inflação. Seria bom meditar neste aspecto, para que o Auto-construtor receba carta de cidadania!

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

Que carta linda a daquela senhora da região de Tomar com sua oferta!:

«Agradeço-vos a pontualidade com que me enviastes o jornal e desejo perseverança no vosso trabalho e que o nosso querido Padre Américo continue bem vivo no meio da vossa Obra.»

Três cadeias maravilhosas a fazer a força da comunhão: gratidão, perseverança, espírito vivo de Pai Américo. Todos aqueles que se encontram nesta caminhada têm necessidade desta comunhão fraterna. E nesta caminhada estão todos os que se encontram connosco: Visitantes das Caldas da Rai-

nha; sacerdote com um cheque; Amigo de Lisboa com vales mensais; um cheque de Coimbra; os vales mensais de Vilar Formoso, já de há muitos anos; visitantes com 1.200\$; Amiga do Lar de S. Francisco, de Leiria, que este ano não foi à nossa Festa; «um farmacêutico»; Amigo que passou e deixou cheque; todos os que foram levar à Casa do Castelo; mil da Covilhã a recordar a irmã; anónima de Miranda do Corvo; «Amiga das Crianças», da Pereira; Amigo antigo, agora a viver em Matosinhos.

A presença no 77.º aniversário da que procurou ser profes-

sora — mãe de todos os nossos estudantes, agora no altar da sua cama; cinco mil a agradecer graça recebida; funcionária dos CTT que põe a sua confiança nos pequenos vendedores. Ontem tive uma conversa com todos os vendedores sobre a sua fidelidade nas contas e fiquei muito contente. São eles os grandes recoveiros do nosso pão.

Fatias de pão de visitantes, de Castelo Branco; emolumento de médico; parte da herança de sobrinho que Deus chamou, da Lousã; um dos nossos com cheque; presença, em cheque, de

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

«Cada um tem de cumprir em consciência. O seu brio está em não ter necessidade de vigilância. A sua liberdade está em poder praticar o mal, se quiser, e não o fazer. Eis aqui o Homem.» (Pai Américo)

Em matéria educativa não há fórmulas nem regras fixas. Há princípios gerais, fundados numa visão do Homem que, criado à imagem e semelhança de Deus, não deve desconhecer o seu destino eterno e as suas responsabilidades terrenas, os seus direitos e também os seus deveres.

Educar é formar para a autonomia. Trata-se de caminhada longa, nem sempre fácil e igual, dependendo das capacidades do educador e do educando, do meio ambiente e de inúmeras circunstâncias, não raro subjectivas. Na base, para quem educa, está o Amor, embora certos que, como afirmou Pascal, «a maior fraqueza do homem é poder tão pouco por aqueles que ama» e, para além disso, nem sempre o sujeito da educação compreende isso.

Autonomia, porém, não é separação ou, tão pouco, segregação. Supõe solidariedade, requer participação e supõe convergência para o bem comum, porque o homem não vive isolado.

O educador deve procurar levar o sujeito da educação a emocionar-se, modificando-se por querer, por gostar, por en-

tender. Assim se formam homens livres, senhores de si, descobrindo a sua própria consciência e emitindo juízos críticos sobre a sua própria conduta, no respeito da Verdade e da Justiça. Depois, a autonomia afirma-se e merece-se progressiva e paulatinamente.

Integrado na família, um jovem, como qualquer adulto, mesmo que maduro, continua a ser dependente dos outros membros, embora em grau diverso, segundo a idade e as circunstâncias. Há que haver respeito mútuo. Supõe-se disciplina, porque se cada um fizesse o que queria, seria um pandemónio. São as horas das refeições; é a linguagem; é o uso das coisas e das instalações; é o partilhar das responsabilidades. Ao contrário, seria transformar o ambiente familiar em pensão «sem-rei-nem-roque», como diz o Povo.

É certo que muitos não estão à altura das suas responsabilidades, às vezes, infelizmente, por demissão ou cobardia, a deixar correr tudo de qualquer maneira. Numa família equilibrada, porém, há que naturalmente pedir e dar contas. Se não se pedem e não se

dão é porque não funciona bem, estando ausente o espírito de partilha e de abertura, bem assim um clima de confiança mútua.

Há que ser exigente no fundamental e transigir ou compreender no accidental. Os filhos devem pedir dos pais a atenção e os cuidados possíveis. O que não podem é urgir que eles se tornem mangas largas e máquinas de fazer dinheiro para sustentar os seus caprichos ou vícios, além das suas necessidades vitais. O sen-

PARTILHANDO

Cont. da 1.ª página

fechando, devagarinho. Apenas os bancos dos jardins da cidade o acompanharam, nas quentes noites de luar, sem esperança de dias diferentes aqui, na capital do Norte!

O moço não conheceu pai nem mãe. Apenas falou muito, e bem, do Colégio pobre onde fora educado. Agora, só a sua terra lhe poderia dar a mão. Por isso, veio pedir ajuda para a viagem. E lá foi...

Um senhor, nosso amigo, disse-me que, um dia, estava à varanda da sua casa e topou um rapaz novo a descer a rua, parando em cada saco de lixo que encontrava. Deixou a varanda, foi ter com ele e viu o jovem a tentar comer restos de comida podre! Então, matou-lhe a fome e ele continuou o seu caminho...

Neste mundo da abundância existe fome de pão e de amor — à nossa porta, na rua, em qualquer lugar. Os jovens e as crianças são quem mais sofrem. Injustamente!

Padre Moura

sempre de ler umas páginas dos livros de Pai Américo — que tão bem me fazem. São como uma lavagem contra a poluição da vida quotidiana...»

Cinfães:

«Recebi os livros de Pai Américo que vieram enriquecer a minha estante. Fiquei satisfeito com esta aquisição. Falta só pagar a factura que não me mandaram. Não sei calcular quanto devo, pois estas obras são muito caras para mim, fazendo a conta ao seu conteúdo...»

Jamais indicámos preço na capa dos livros. É norma que permanece até ao fim dos tempos: «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um» — aconselha Pai Américo.

Júlio Mendes

tido de parcimónia, tanto de um lado como do outro, será sempre desejável, já que a excessiva abundância é tão negativa como a própria miséria. Criar e formar sem o sentido do equilíbrio e do sacrifício é truncar o próprio fim da educação. Partilhar das dificuldades e mostrar que as coisas são para o homem e não este para aquelas é indispensável se se pretende formar Homens.

Um estado de diálogo permanente, no respeito pelas virtudes humanas, eis o que deveria ser cada família. Verdade, lealdade e sinceridade. Interesse natural e espontâneo pelos passos de cada membro. Um filho não pode estranhar que os pais perguntem das suas vidas, embora haja, nalguns casos, de rever o modo como o fazem. Deturpar ou mentir, se é certo que todos têm defeitos, representa quase sempre falta de carácter ou, quando muito, imaturidade. Continuaremos.

Continuaremos.

● Os anos passam. Havemos também de passar. A necessidade de respostas para os problemas que nos são postos permanecem e estão a aumentar. As forças, entretanto, declinam.

Que vai ser do futuro da Obra é pergunta a que só Deus poderá responder, na certeza de que existirá enquanto Ele quiser. Cabe-nos a nós, responsáveis, porém, pôr a questão: não haverá por aí «operários(as) ociosos(as)» que queiram vir trabalhar para esta vinha? Retribuição a cem por um.

Numa época em que o egoísmo impera e os «sábios» e palavrosos que nada fazem, pululam por toda a parte, muito senhores de si mesmos e da sua importância, é de convidar o «resto» a «dar o corpinho ao manifesto» — como diz o Zé Povinho — perdendo a vida para a ganhar.

Padre Luiz

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 3.ª página

Coimbra; quinhentos de pessoa humilde; quinze mil de grupo que esteve em nossa Casa; dez mil de Amigos de Soure; três selos do Rafael, de Mação; a visita de crianças de Pombal com suas lembranças; cheque da reforma da Tia; mãos estendidas à porta de Santa Cruz; «parte das horas extraordinárias»; «a sufragar a alma da Mãe no 19.º aniversário»; mil e quinhentos em cheque; vale «de partilha a lembrar os que partiram»; cem na Feira Popular; dois mil e quinhentos «partilha pelos dons de Deus»; as lembranças mensais de querido Amigo, agora em V. N. Famalicão, pequenina lembrança da 4.ª classe da Escola de Cernache; lembranças pela alegria do número mil de O GAIATO. Também eu gostei muito.

Amiga de Cimo de Fala; as Amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel não nos esquecerem; cheque de Meãs do Campo; vale de Olivais Sul; quinhentos pelo vendedor da Mealhada; Amiga de Portomar foi ver-nos à Praia; quatro crianças vieram oferecer-nos seus gelados, na Praia; vale de Oeiras; carta de Castelo Branco; cheque de Condeixa; cartas, vales e cheques, de Coimbra; mimos, fruta, batata e dinheiro na minha aldeia; sacerdotie com oferta na Praia de Mira; visitantes com 600\$; casal emigrante; senhoras na Praia; vale de Campo de Bes-

teiros; universitária de Malheiros com alma e coração abertos; Professora vizinha que vem muitas vezes; ofertas pelo vendedor da Sertã; cheque do Fundão.

Todas as presenças que vão ter ao nosso Lar; visitantes de Cantanhede; vale e cheque de Pombal; vale pelo pároco de Condeixa; três mil e roupas que casal com os filhos nos foi levar à Praia; muita alegria no encontro com senhoras muito amigas em S. Martinho do Porto e Monte Real; o Amigo da Nazaré quer matar-nos a fome de peixe, mas não o tem; casal da Boavista, de Leiria, guarda-nos os miúdos de leitão e nós comemos-os com muito gosto; lembrança na Praia de Mira a «recordar o Pai»; três mil em cheque, de Lisboa; vale da Nazaré; envelope que filho dum dos nossos me entregou; o nosso casal brasileiro com a bola e as horas de sorriso; vale de oficial militar; Irmãs religiosas de Leiria com sua oferta.

Como nos anos anteriores fomos a algumas praias e termas do Centro. Encontrámo-nos na igreja. Cada vez nos encantam mais estes encontros. Há fome. Há fome do Pão do Céu partilhado na Palavra de Cristo vivo e presente na vida dos homens.

Este é o nosso encanto. Alegremo-nos e louvemos o Senhor que se nos manifesta assim.

Padre Horácio

Reedição do «PÃO DOS POBRES»

Cont. da 1.ª página

do «Piasquinha» ao «Ruilhe», que marcam bom lugar — apesar dos seus onze, doze, treze anos. «Os senhores, agora, têm dado muito trabalho à gente; lá isso têm. Mas até dá gosto» — confidencia o «Ruilhe», delicadamente. «É q'a gente, primeiro, temos de procurar, no ficheiro, s'as pessoas são assisnantes. Se não forem, escrevemos o end'reço na ficha que vai prã gaveta, consante a letra; a seguir, na máquina, gravamos a chapa: nome e morada.» Amigo «Ruilhe», de boas maneiras, não pára o relato: «Depois, eu ou o «Piasquinha» vamos à armário escolher os livros prò Carlitos — agora é o Zé Carlos... — fazer os embrulhos prò correio. Isto dá muito trabalho. Mas até dá gosto!» — repete o moço com um sorriso nos lábios — acenando, finalmente, com um ar solene, de pequeno-grande Homem: «A gente não se pode descuidar; lá isso não...! Não

podemos fazer coisas mal feitas...!»

«Piasquinha» é gaiato-gaiato; «Ruilhe», porém — e tantos «Piasquinhas» que sofreram, na rua, as passas do Algarve — é um amor de criança, um fidalgo! Modos, feições, tino, fazem dele um caso especial na pequenina comunidade que — pel'O GAIATO, pela Editorial — estabelece contacto com os nossos Amigos que fervem em cachão pelo Pão dos Pobres, pelos livros saídos dos nossos prelos, cujas ressonâncias, dos quatro quadrantes, encheriam páginas d'O GAIATO! Vamos dar só uma ligeira amostra.

Vimieiro (Mirandela):

«Li n'O GAIATO o convite aos que quiserem os livros de Pai Américo para os solicitarem sem perda de tempo. Desejo possuir essas relíquias e desde já lhes peço para me inscreverem como pretendente delas. Não sei quanto custarão todos, mas remeto, desde já, a título de preparo, um cheque de 1.000\$00...»

Lisboa:

«Tenho já todos os livros da vossa Editorial. E de tal maneira os escritos de Pai Américo são actuais, que por vezes tenho a sensação de que é «agora» que Ele está a falar...!»

Faro:

«Soube, pel'O GAIATO, que andais a reeditar o Pão dos Pobres. Venho pedir o 2.º e 3.º volumes que não tenho, assim como o 2.º volume do Isto é a Casa do Gaiato.

Antes de adormecer gosto



Tiragem média por edição no mês de Setembro: 54.935 exemplares